

## **Luta antimanicomial e antiproibicionista no Brasil: contracultura e experimentações clínico-políticas**

Anti-asylum and anti-prohibitionist movement in Brazil: counter-culture affinities and clinical and political experimentations

Rafael Mendonça Dias

Universidade Federal Fluminense

---

### **RESUMO:**

Neste artigo propomos uma aproximação entre a luta antimanicomial e o movimento antiproibicionista no Brasil, a partir de uma leitura contracultural. Para isso, vamos estabelecer relações entre o pensamento de Deleuze e Guattari presente no livro *O Anti-Édipo*, influenciado pela experiência de maio de 68 na França, e as práticas estéticas e políticas do movimento da Tropicália e do cinema marginal. Destacamos os filmes “Meteorango Kid, o herói intergaláctico” (1969) e “Louco por Cinema” (1994) de André Luiz Oliveira, que apresentam algumas questões sobre o cuidado e a violência. Essa aproximação nos permite abrir novas possibilidades para as experimentações clínico-políticas que articulem as dimensões críticas, estéticas e existenciais presentes nessas lutas sociais.

**Palavras-chave:** Luta Antimanicomial; antiproibicionismo; contracultura; clínica; política.

---

### **ABSTRACT:**

This paper proposes an approximation between the anti-asylum and the anti-prohibitionist movement in Brazil, from a countercultural reading. For this, we will establish relations between the thought of Deleuze and Guattari present in the book *The Anti-Oedipus*, influenced by the experience of May 68 in France and the aesthetic and political practices of the Tropicália movement and marginal cinema. We highlight the films “Meteorango Kid, o heroi intergalactico” (1969) and “Louco por Cinema” (1994) by André Luiz Oliveira, which present some questions about care and violence. This approach allows us to open new possibilities for clinical-political experiments that articulate the critical, aesthetic and existential dimensions present in these social struggles.

**Key-words:** Anti-asylum movement; anti-prohibitionism; counter-culture; clinic; politics.

---

### **Introdução**

No contemporâneo, a discussão sobre clínica e política é tramada também pela ação dos movimentos sociais que articulam o debate sobre a política de saúde mental e a política sobre álcool e outras drogas. Esses movimentos abrem espaço para a intervenção em novos campos que tocam na experiência da loucura, das drogas e da produção de subjetividade. Neste artigo, propomos uma discussão sobre os possíveis

pontos de contato entre a luta antimanicomial e o movimento antiproibicionista, a partir de uma leitura contracultural. Para isso, vamos estabelecer relações entre o pensamento de Deleuze e Guattari presente no livro *O Anti-Édipo*, influenciado pela experiência de maio de 68 na França, e as práticas estéticas e políticas do movimento da Tropicália e do cinema marginal, que estão presentes nos filmes *Meteorango Kid, o herói intergaláctico* (1969) e *Louco por Cinema* (1994) de André Luiz Oliveira.

A partir desse campo conceitual, nosso interesse é traçar algumas linhas que possam delinear um novo território político, no qual a problemática das drogas e da loucura se dá em aliança com os movimentos sociais e ao lado da experimentação estética no campo da saúde mental. Os ditos loucos e os jovens “desbundados” ou “muito loucos” dos anos 70 vão se encontrar nas enfermarias dos hospícios durante a ditadura civil-militar no Brasil.

Esse encontro minoritário frente ao poder institucionalizado cria uma sensibilidade narrativa para a violência manicomial e de questionamento da política oficial antidrogas própria de um regime totalitário. Nesse contexto, essas propostas estéticas apostam em estratégias narrativas minoritárias, que abrem espaço para as subjetividades plurais, não apelando a discursos totalizantes, e que, à sua maneira, resistem às formas de assujeitamento da experiência da loucura e dos discursos moralizantes em relação às drogas. Desse modo, é uma estratégia *underground* que está em curso, na qual a clínica e a política são tomadas pela via da positividade como catalisadoras de uma nova experiência de subjetivação que resiste à violência da ditadura civil-militar brasileira. Consideramos que essas experimentações no campo estético criaram um modo de afetabilidade que amplia a ação dos movimentos sociais que, no final dos anos 70, se articulam na Luta Antimanicomial Brasileira e no contemporâneo questionam a política de guerra às drogas a partir de uma perspectiva antiproibicionista. Essa linha contracultural que emergiu nos anos 70 pode ser vista hoje nas Marchas da Maconha e nos diversos coletivos antiproibicionistas e guiados pela ética do cuidado e da redução de danos.

No mundo, a política proibicionista intensificou a articulação entre as estratégias do modelo sanitário e jurídico-morais, voltadas para a abstinência, com a política de guerra às drogas, que foi lançada pelo governo Nixon, nos EUA, em 1973 e ganha contornos internacionais na década de 1980 com Ronald Reagan, associadas com a ampliação das políticas neoliberais.

Foi no campo da experimentação política, ética e estética que diversas tematizações sobre as substâncias que alteram a consciência ganharam amplitude e relevância. Para vislumbrar um panorama mais amplo sobre a questão das drogas e da loucura, é necessário mapear mais detidamente as suas manifestações no campo cultural das décadas de 1960/70 e as implicações na produção de subjetividade. Os questionamentos da figura do marginal e da violência estão presentes nas produções estéticas brasileiras desse período. A Tropicália, o cinema e a poesia marginais são exemplos de experimentações estéticas e políticas em que a posição marginal se efetiva como uma prática de resistência minoritária.

### **Contracultura no Brasil**

A contracultura produzida no Brasil criou um novo modo de pensar o mundo, no qual a experimentação com as substâncias psicoativas era elemento importante das descobertas estéticas e políticas empreendidas. Elas estavam integradas a uma nova atitude, na qual a experimentação se ligava à expansão das possibilidades da consciência e ao alcance de novas formas de sensibilidade e uso dos corpos.

No Brasil, a contracultura floresce no momento mais agudo de fechamento das possibilidades políticas do país. O Golpe civil-militar de 1964 visou silenciar a emergência de forças sociais renovadoras no país que se expressavam em diversos campos de ação. Com a decretação do AI-5 em 1968, a situação política se degrada e o fechamento político ganha todos os contornos do terrorismo de Estado.

Torquato Neto, nessa época, assina uma coluna chamada *Geléia Geral* no jornal *Última Hora*. Nesse mesmo período são criados diversos jornais alternativos que foram publicados sem muita regularidade. É significativo o aparecimento dos jornais *Verbo Encantado*, *Flor do Mal*, *Bondinho* e *Presença*, além da revista *Navilouca*<sup>1</sup>, feita na parceria de Waly Salomão e Torquato Neto e que teve um único exemplar.

Diversos autores começam a emergir e ganhar espaço nas publicações alternativas, entre os quais podemos citar: o filósofo Herbert Marcuse, o historiador Theodore Roszak, o psicanalista W. Reich, e os escritores Hermann Hesse, Henri Michaux, Antonin Artaud. Um desses autores, Roszak (1972: 54) considera que muitas pessoas na sociedade americana têm uma posição desfavorável em relação à contracultura, pois “[...] sequer consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante.”

Esse movimento na cultura foi uma das formas de resistência ao modo de vida

dominante, expresso no Brasil pelo regime militar e pela organização tradicional da família. Nessa cena, onde não se separa mais fazer o amor e fazer a revolução, Eric Howbsbawm (1995: 326) observa que: “Liberação pessoal e liberação social, assim, davam-se as mãos, sendo sexo e drogas as maneiras mais óbvias de despedaçar as cadeias do Estado, dos pais e do poder dos vizinhos, da lei e da convenção.” A liberdade sexual passa também a ser considerada como um traço relevante desse contexto, a obra de W. Reich ganha leitores e adeptos no país em sintonia com as práticas alternativas que se processam nas décadas de 60/70. (COIMBRA, 1995).

A condição de país periférico em relação aos centros contraculturais localizados na Europa e nos EUA faz do Brasil um espaço aberto para a atitude “antropofágica” que processa as informações contraculturais através das nossas experiências política e estética.

Essa característica encontrada no Brasil, somada à repressão política, conforma a contracultura com tempero brasileiro. Para Luiz Carlos Maciel, a contracultura segue no Brasil um caminho subterrâneo, sem grandes alardes, pois “nossas condições históricas, que envolvem no momento um grande temor à repressão, estão reforçando essa tendência ao esotérico, ao conhecimento privado, íntimo, ao segredo transmitido de boca em boca à recusa a divulgação etc” (MACIEL, 1971: 13).

A contracultura brasileira cresce de modo subterrâneo e em segredo. O que poderia ser considerado como negativo é para Maciel “extraordinário”, pois naquele exato momento “uma alteração profunda de ordem social e cultural se desenvolve, sem análises, sem discussões, sem estudo e - o que é mais incrível - sem o conhecimento da grande maioria da população.” (MACIEL, 1971: 13).

Aqui se pode ver o traço *underground* do surgimento do ambiente contracultural no Brasil: o movimento se prolifera de boca-em-boca, no contato direto entre os interessados que fazem conversa ao pé do ouvido, por meio dos “toques” e “saques”. Os ruídos frenéticos das televisões e das rádios cheios de ufanismo de “um país que vai pra frente” e da intenção de “integração do Brasil grande” não conseguem, de início, captar a frequência e os sinais desses movimentos subterrâneos que acontecem naquele momento.

Para Maciel (1971: 13), o movimento contracultural ensina algo para a prática política e o desenvolvimento de novos estilos de existência, pois “eles nos sugerem uma mudança no jogo humano, mais pacífica, mais amorosa e mais alegre.”

As comunidades *hippies*, que se espalhavam pelo país, criaram práticas de experimentação com as drogas, principalmente as alucinógenas, enquanto buscavam outras formas de percepção da realidade, nas quais a questão do “pé na estrada” e das diversas formas de viagens ganha destaque:

*“viajam” tanto concretamente, abandonando os seus territórios, quanto sensivelmente, utilizando-se de alucinógenos para conseguir, de fato, se deixar desconstruir em seus padrões pela desterritorialização, “desbundar”, como eles próprios dizem, e tornar seus corpos vibráteis ainda mais sensíveis às latitudes e longitudes dos seus afetos (ROLNIK, 2007: 139, grifos da autora).*

A temática das drogas e dos movimentos contraculturais pode ser encontrada também na crítica produzida pela Tropicália aos padrões de comportamento e aos valores dominantes, propondo uma nova relação com o corpo e os costumes. Com isso o movimento irritava tanto a “careta” esquerda ortodoxa quanto o conservadorismo de direita. O caldo contracultural começa a ferver, com diversas formas de expressão na sociedade brasileira, no final da década de 1960. “É por essa época que começa a chegar ao país a informação da contracultura, colocando em debate as preocupações com o uso de drogas, a psicanálise, o corpo, o rock, os circuitos alternativos, jornais underground, discos piratas etc.” (HOLLANDA, 2004: 71-72).

O momento histórico de repressão política e censura cultural deixou muitos ativistas e artistas numa situação-limite, que foi vivida, muitas vezes, como crise existencial. Torquato Neto, poeta e letrista da Tropicália, atormentado com a inviabilidade do seu projeto artístico, em parte pela situação imposta pelo regime militar, cometeu suicídio em 1972. O poeta deixou um último escrito em que sentencia: “Para mim chega!”<sup>2</sup> Torquato, que desafinou o coro dos contentes, acabou sucumbindo à mediocridade reinante.<sup>3</sup>

Sobre esse fato, o poeta Waly Salomão (2005: 60) se pergunta sobre o amigo e a situação “mediocrizante” e ufanista da época: [...] “seria crível uma criatura feita de uma substância tão espantada que foi suicidado pela mediocridade satisfeita e entoante do 'Pra Frente Brasil'?”.

Para Waly (2005:59), Torquato vivia o “temor fulminante de se constituir no *Idiota* da família”. Waly sugere que talvez a leitura do livro *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari, lançado em 1972, poderia tê-lo ajudado naquele momento de agonia. Segundo ele: “a edição francesa [d’*O Anti-Édipo*] saiu mais ou menos *pari passu* com o suicídio de Torquato, mas se ele tivesse a oportunidade de ler aquele livro talvez tivesse outro destino” (*Idem*: 138).

O Bandido da Luz Vermelha afirma: “Quando a gente não pode fazer nada, a gente avacalha, avacalha e *se esculhamba*”. No mesmo sentido, aparece uma cartela onde está escrito “*Curti adoidado*” sob o personagem do filme *Meteorango Kid, o herói intergaláctico* de André Luiz Oliveira. Um aspecto chama atenção nessas obras: a intensificação da experiência na margem até o limite da morte e da loucura.

Os intelectuais e artistas de classe média aproximam-se das vivências “marginais” dos loucos, dos bandidos, e questionam as formas de poder que autorizam a produção da violência. A figura do marginal passa a ser assumida como uma forma de resistência à violência do estado de exceção.

Para reforçar essa aproximação, podemos citar a obra do artista plástico Hélio Oiticica, realizada em 1966, sobre o bandido Cara de Cavalo. Na homenagem-denúncia do artista, se pode ver na tela o corpo do “marginal” exterminado pela polícia, “símbolo da opressão social” (OITICICA, 1968) e a frase-título “seja marginal, seja herói”. Para explicitar o sentido dessa obra, Oiticica disse em carta para um crítico inglês que ela fazia parte de um “momento ético” do seu trabalho plástico. O artista diz no texto *O Herói anti-herói e o Herói-anônimo* (1968) que:

*O que quero mostrar, que levou a razão de ser de uma homenagem, é a maneira pela qual essa sociedade castrou toda a possibilidade de sobrevivência, como se fora ele uma lepra, um mal incurável – imprensa, polícia, políticos, a mentalidade mórbida e canalha de uma sociedade baseada nos mais degradantes princípios, como é a nossa, colaboraram para torná-lo o símbolo daquele que deve morrer, e digo mais, morrer violentamente.*

Hélio Oiticica, como criador ligado ao seu tempo, expressa criticamente o funcionamento de uma sociedade que delega poder aos esquadrões da morte<sup>4</sup> para exterminar os ditos marginais. O contato dos tropicalistas e de artistas como Hélio Oiticica se dá “com as minorias: negros, homossexuais, *freaks*, marginal do morro, pivete, Madame Satã, cultos afro-brasileiros e escola de samba” (HOLLANDA, 2004:75). De acordo com Lago (2003), os tropicalistas promoviam um descentramento das identidades (individuais e coletivas) e da rigidez dos discursos sobre a nação, gênero, revolução e concepção de cultura para promover uma estratégia *hibridizante*, onde se misturam elementos que parecem, à primeira vista, díspares.

Seguindo essa linha, o antropólogo Gilberto Velho sublinha que o uso de drogas e a ação política armada contra a ditadura foram, ambos, objeto de repressão do regime militar, quando foram criadas as “categorias de acusação”: drogados e subversivos (VELHO, 1997). Nesse plano de análise os marginais, junto com os subversivos<sup>5</sup>,

desbundados e “drogados” eram alvo da violência e controle operado pelo autoritarismo de Estado vigente no país. No entanto, o antropólogo e poeta Antonio Risério ressalta algumas diferenças entre os “terroristas” e os “desbundados”: estes últimos “embora frequentando compulsoriamente as delegacias de todo o país, estiveram mais próximos das clínicas psiquiátricas do que das câmaras de tortura.” (RISÉRIO, 2005: 26).

Apesar dessa afirmação do antropólogo, artistas tidos como “desbundados” foram presos por causa das drogas e também torturados. O poeta Waly Salomão foi preso em 1970, na cidade de São Paulo, com um “toco” de maconha, foi torturado e ficou encarcerado no Carandiru. Lá começou a escrever as poesias que estão no seu livro de estreia, *Me Segura Qu'Eu Vou Dar Um Troço*, lançado em 1972 com projeto gráfico de Hélio Oiticica.

Waly libera a veia poética num fluxo em seus *Apontamentos do Pav Dois* (pavilhão dois do Carandiru). O poeta vai apresentando uma bricolagem de pensamentos e imagens a partir da experiência da prisão: “Na cadeia tudo é proibido e tudo que é proibido tem” (SALOMÃO, 2003: 60). As noções de proibido e permitido são alteradas dentro do funcionamento da prisão. Ele observa também um dos seus companheiros de cela que, “[...] levado pelo Esquadrão da Morte, não dormiu a noite inteira e fez um estilete para se defender. Caladão” (SALOMÃO, 2003: 64).

Já André Luiz Oliveira, diretor de *Meteorango Kid*, foi abordado pela polícia em frente a uma lanchonete da zona sul do Rio de Janeiro, em 1973, preso com maconha e, posteriormente, internado na Enfermaria Judiciária da Penitenciária Lemos de Brito. O diretor conta da seguinte maneira a história: “Fui preso na lanchonete Rikki, no Rio de Janeiro, no dia 31 de maio de 1973, sem documento de identidade, cabelos grandes e uma ‘beata’ [de maconha] no bolso dentro de uma caixa de fósforos” (OLIVEIRA, 1997: 43).

Em uma entrevista, André Luiz reafirma que o seu filme *Louco por Cinema* surge a partir da necessidade de expressar uma experiência vital depois do que aconteceu com ele na década de 70, ao ser preso e internado. Ele diz: “Cumpri quatro meses, sendo que os dois últimos em um manicômio judiciário. Essa foi, talvez, a mais difícil e transformadora experiência da minha vida.”<sup>6</sup>

É a partir dessa experiência que o diretor vai tentar realizar a sua nova obra para dar um novo sentido para aquilo que lhe aconteceu. Para isso, ele vai buscar o fio da meada do sonho coletivo da sua geração e reconstruir a linha que o traz até o momento presente. Portanto, André Luiz apela para a força do coletivo para contar essa história.

Passos (2000: 8) indica que a subjetividade, no seu processo de produção, é constituída por diversos vetores, tais como a “mídia, a violência das cidades, a música, o cinema, a dança e as artes plásticas, a experiência com as drogas, a participação nos movimentos sociais”. Levando isso em conta, estamos diante no contemporâneo de subjetividades permeada pelos mais diversos vetores. Subjetividade híbrida, formada pelos diversos elementos heterogêneos que nos atravessam e nos constituem.

De acordo com Passos (2000: 8), a partir de Deleuze e Guattari, podemos dizer que a subjetividade é uma atividade de produção, a qual não é “realizada por um sujeito, mas é o próprio sujeito que aparece como um produto”, sendo, desse modo, “o resultado de um processo de produção que é sempre da ordem do coletivo”.

### **O Anti-Édipo e a contracultura**

A obra conjunta de Deleuze e Guattari sofreu grande impulso do maio de 1968 e das manifestações que questionam as diversas formas de poder e saber que estavam instituídas à época. Essas experimentações e a criação de novos conceitos podem ser vistos nos livros escritos na parceria entre Deleuze e Guattari, sobretudo em *O Anti-Édipo* e depois em *Mil Platôs*. Podemos detectar nesses livros, o primeiro de 1972 e o outro lançado em 1980, o desenvolvimento de uma cartografia do desejo revolucionário conjugada a uma análise do capitalismo e à proposição de um corpo conceitual novo para abordar essas questões.

Guattari (2006: 25) esclarece o impacto que o maio de 1968 teve na produção de *O Anti-Édipo*, ao afirmar: “Maio de 68, foi um abalo para Gilles e para mim, bem como para tantos outros: na época não nos conhecíamos, mas mesmo assim este livro, atualmente, é uma continuação de 68.”

Para Sibertin-Blanc (2009), *O Anti-Édipo*, que é lançado em 1972 na França, responde a uma conjuntura política e econômica específica, que é o pós-maio de 68. O livro está envolvido em um debate que não é somente teórico, mas também intelectual e institucional; abrange os domínios mais evidente da clínica, da economia e da política do seu tempo. No livro existe um programa que se endereça a esse momento histórico e pretende ter eficácia no ambiente político e clínico da sua época.

A esquizoanálise proposta no quarto e último capítulo de *O Anti-Édipo* não pretende ser uma nova especialidade psi, mas visa colocar em questão a relação entre teoria e prática nos coletivos revolucionários, ao mesmo tempo em que faz uma análise

coletiva dessa experimentação. Desse modo, trata-se de problematizar as lutas ao fazer da intervenção no campo social o vetor de experimentações e produção de si, que sirvam por sua vez para renovar os modos de percepção e intervenção política (SINBERTIN-BLANC, 2009).

No prefácio para a edição italiana de *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari elencam os três temas principais d' *O Anti-Édipo*, a saber: o inconsciente funciona como uma usina produtora de desejo e não nos moldes de um teatro das representações; o delírio é apresentado como uma produção histórico-mundial e não familiar; a história universal é contingente (fluxos que passam por códigos primitivos, sobrecodificações despóticas e descodificações capitalistas). (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Nas proposições de *O Anti-Édipo* existe uma montagem entre as máquinas desejanças e o modo de produção específico do capitalismo. Ao lado disso se constitui uma atitude de criação que extravasa o espaço privado-familiar para investir na dimensão política e experimental. No entanto, a experimentação do desejo proposta por esses autores foi alvo de críticas por aqueles que consideram essa obra um culto da espontaneidade e um elogio inconsequente da esquizofrenia e das experiências com drogas. Deleuze discute os “contrassensos” em relação ao conceito de desejo, ou possíveis efeitos dessa obra na juventude de Vincennes<sup>7</sup>, onde alguns tomaram essa questão de modo apressado como sendo um elogio da festa (*la fête*).

Em *O Abecedário de Gilles Deleuze*<sup>8</sup>, uma série de entrevistas com Claire Parnet em 1988, o filósofo trata dessa questão no “D de desejo”, mas que no caso poderia ser também “D de drogas”. Ela pergunta de modo direto “Você não se sente responsável pelas pessoas que tomaram drogas? Ou, lendo muito ao pé da letra *O Anti-Édipo*, não é como Catão, que incita os jovens a fazer bobagens?” (PARNET, 1994).

Em relação a isso, Deleuze responde: “Sentimo-nos responsáveis por tudo, se algo dá errado” (DELEUZE, 1994). Sobre os possíveis efeitos dessa obra na juventude, ele deixa claro o seu posicionamento ético em relação à experimentação com as drogas:

*Sempre me esforcei para que desse certo. Em todo caso, nunca, acho, é minha única honra, nunca me fiz de esperto com essas coisas, nunca disse a um estudante: é isso, drogue-se você tem razão. Sempre fiz o que pude para que ele sáísse dessa, porque sou muito sensível à coisa minúscula que de repente faz com que tudo vire trapo. [...] Ao mesmo tempo, nunca pude criticar as pessoas, não gosto de criticá-las. Acho que se deve ficar atento para o ponto em que a coisa não funciona mais. (DELEUZE, 1994)*

O filósofo continua a abordar a questão de modo franco e sem qualquer sombra de uma postura paternalista ou policialesca, que nos anos 80 fazia parte do senso-

comum das campanhas antidrogas. Por outro lado, ele afirma uma ética, segundo a qual a possibilidade de se virar um trapo não é suportável.

*Que bebam, se droguem, o que quiserem, não somos policiais, nem pais, não sou eu quem deve impedi-los ou [...] mas fazer tudo para que não virem trapos. No momento em que há risco, eu não suporto. Suporto bem alguém que se droga, mas alguém que se droga de tal modo que, não sei, de modo selvagem, de modo que digo para mim: pronto, ele vai se ferrar, não suporto. Sobretudo o caso de um jovem, não suporto um jovem que se ferra, não é suportável. Um velho que se ferra, que se suicida, ele teve sua vida, mas um jovem que se ferra por besteira, por imprudência, porque bebeu demais [...] Sempre fiquei dividido entre a impossibilidade de criticar alguém e o desejo absoluto, a recusa absoluta de que ele vire trapo. É um desfiladeiro estreito, não posso dizer que há princípios, a gente sai fora como pode, a cada vez. É verdade que o papel das pessoas, nesse momento, é de tentar salvar os garotos, o quanto se pode. E salvá-los não significa fazer com que sigam o caminho certo, mas impedi-los de virar trapo. É só o que quero (DELEUZE, 1994).*

O filósofo afirma também que o pensamento presente nesse livro se opunha “ao processo esquizofrênico como o que ocorre num hospital” (DELEUZE, 1994). Para Deleuze e Guattari, a figura do esquizofrênico, tal como é produzida pelas práticas do poder psiquiátrico e no processo de institucionalização, é algo terrível, que deve ser evitado a todo custo. Deleuze considera que “[...] para nós o terror era produzir uma criatura de hospital. Tudo, menos isso!” (DELEUZE, 1994).

Ao argumentar sobre essa questão, ele lembra a relação do livro com o movimento Antipsiquiátrico e do posicionamento estratégico deles para evitar a produção de trapos de hospital; em outras palavras, a institucionalização da loucura: “E quase diria que louvar o aspecto de valor da “viagem”, daquilo que, naquele momento, os anti-psiquiatras chamavam de viagem ou processo esquizofrênico, era um modo de evitar, de conjurar a produção de trapos de hospital, a produção dos esquizofrênicos, a fabricação de esquizofrênicos” (DELEUZE, 1994).

Desse modo, vemos que os autores se afinam com os antipsiquiatras (David Cooper e Ronald Laing, Thomas Szasz, entre outros) na resistência política e questionamento do processo de institucionalização e marginalização da loucura e dos jovens ditos drogados nos anos 70. O efeito político e ético desse livro, segundo Deleuze, estaria também nessa estratégia política.

Foucault (1996) reflete sobre o efeito que a primeira obra de Deleuze e Guattari teve na década de 70 e afirma que “[...] é um livro ético, o primeiro livro de ética que foi escrito na França desde há muito tempo (é talvez a razão pela qual o seu sucesso não

se limitou a um ‘leitorado’ particular: ser anti-Édipo tornou-se um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida.” (FOUCAULT, 1996: 198).

Estava em jogo a criação de um novo *ethos* político, atitude expressa nos novos sujeitos que experimentavam e constituíam uma política do desejo. A articulação das lutas que se processavam naquele momento unia o debate sobre as práticas clínicas e a resistência de grupos políticos que discutiam a criação de novos modos de subjetividade.

Guattari (1987: 219), por exemplo, estava interessado nas “lutas relativas às liberdades, novos questionamentos da vida cotidiana, do ambiente, do desejo etc.” Ele nota que “não param de ocorrer mutações na subjetividade conscientes e inconscientes dos indivíduos e dos grupos sociais cujos efeitos são imprevisíveis no contexto da atual crise” (GUATTARI, 1987: 219-220). A crise a que Guattari se refere na década de 80 diz respeito à semiótica capitalística e aos seus efeitos nos países ditos democráticos e também no bloco sob a influência da antiga URSS.

É digno de nota que, após a decantação da experimentação vivida no maio de 1968 em Paris, *Mil Platôs*, considerado por Deleuze e Guattari (1995: 7) como “o nosso livro de menor receptividade”, introduz alguns debates que são muito caros à questão da experimentação e prudência, da emergência dos novos movimentos sociais e das produções subjetivas do capitalismo.

### **O cuidado e a serpente**

A dimensão estética com que o desejo investe diretamente na percepção e nos modos de produzir conhecimento foi abafada com o avanço das pesquisas que se intensificam nos anos 80, guiadas pelo reducionismo biológico dessa questão, referidas exclusivamente ao saber-poder médico especializado, no qual a questão da subjetividade é, na maioria das vezes, desconsiderada. (GUEDES *et al.* 2005). As drogas passam a figurar de modo mais intenso no campo na negatividade, onde se articulam a falta, o crime, o perigo e a morte. (FIORE, 2012).

Essa perspectiva biomédica empurrou, pouco a pouco, a experimentação com as drogas para o campo das patologias em aliança com o processo de medicalização e impõe a sua rede discursiva ao campo (ILLICH, 1975). Tal postura também reduz sobremaneira a convergência de perspectivas interessadas nesse fenômeno. O que é reforçado são aspectos exclusivamente causais da interação das substâncias psicoativas com o funcionamento orgânico, a partir dos seus efeitos físico-químicos. Do ponto de

vista da intervenção política, essa perspectiva advoga a centralidade e a “verdade científica” do saber especializado, acima das experiências de produção de um saber compartilhado entre atores em jogo. Nesse mesmo contexto, a psiquiatria contemporânea faz um movimento na direção das neurociências e da biologia, na qual emerge uma clínica dependente dos novos medicamentos psicotrópicos. (AGUIAR, 2005).

No Brasil, os asilos e manicômios ampliam seu poder no período da ditadura e reforçam um modelo privatizante de atenção em saúde mental. Já no final da década de 70 acontece a emergência do movimento da reforma psiquiátrica e Antimanicomial, que é influenciado pelas experiências de Franco Basaglia na Itália (Trieste e Gorizia) e pela problematização da loucura presente no pensamento de Michel Foucault, entre outros autores. (AMARANTE, 2008; DELGADO, 2008).

O movimento contracultural, com suas práticas experimentais, esteve conectado com as formulações da Antipsiquiatria e o questionamento da violência da lógica asilar e manicomial para formular práticas de cuidado no campo da saúde mental. Nessa linha de pensamento Delgado (2008: 63) considera que o maio de 68 foi um acontecimento político definitivo, que “[...] influenciou profundamente o modo de pensar a loucura, as terapêuticas, a liberdade e a instituição no campo da saúde mental.”

No filme *Louco por Cinema*, André Luiz invoca o símbolo de uma serpente que morde a própria cauda (Uroborus) para indicar que existe algo que se repete como enigma na vida do personagem Lula, que se encontra internado em um hospício. Um enigma que remete à “origem” do evento traumático. Essa questão enigmática se coloca também para sua geração.

Basaglia (1985) cita, no livro *A Instituição Negada*, uma fábula oriental em que a serpente também figura como personagem e serve para identificar o saber psiquiátrico, aproximando-se da questão apresentada em *Louco por Cinema*. A fábula conta a história de uma serpente que entrou pela boca de um homem enquanto ele dormia e passa a dominá-lo, deixando-o sem liberdade. Depois de muito tempo, o homem percebe que a serpente tinha partido, mas já não consegue ser livre devido à força do hábito. O psiquiatra italiano considera que essa fábula retrata a situação dos loucos no manicômio, cabendo a eles com ajuda de outros reconquistarem pouco a pouco sua liberdade e o conteúdo humano da sua vida<sup>9</sup>.

A serpente do filme de André Luiz aproxima-se da fábula contada por Basaglia

para analisar a instituição da loucura. Esse caminho da serpente narrado na obra audiovisual tem uma dimensão polifônica e ganha novos significados quando analisamos modulações entre a experiência coletiva da geração de 68, seus caminhos e bifurcações diante das modulações do capitalismo nos anos 80-90.

Em 1990, Deleuze, no texto “Post-scriptum sobre as sociedades de controle”, analisa as modulações do capitalismo contemporâneo e apresenta a serpente como o animal que ilustra a sociedade baseada no controle.<sup>10</sup> O filósofo estava preocupado também com as estratégias das organizações e movimentos sociais diante desse novo cenário.

Portanto, a serpente pode ser lida também a partir das modulações do capitalismo e suas estratégias de controle para além do espaço disciplinar do manicômio, pois agora elas acontecem ao ar livre. A experimentação e as práticas de cuidado precisam atuar também na dimensão subjetiva para fazer enfrentar as novas estratégias da sociedade de controle que não estão se confundem com o espaço institucional, mas como uma racionalidade de funcionamento.

Dessa forma, a serpente do capital é a imagem da produção de subjetividade de uma sociedade baseada em uma modulação permanente. Deleuze (2006: 223) considera que o “homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo”. A questão da subjetividade emerge nesse cenário como a possibilidade de inventar novas possibilidades estéticas e de singularizar a existência diante da serialização subjetiva apresentada pela lógica do consumo.

Lula anuncia, no *Louco por Cinema*, que a sua chave para resistir a esse cenário político é rebatizar *O Caminho da Serpente*, transformado agora em *O Caminho do Amor*. Não é demasiado lembrar a frase de Che Guevara, um personagem importante para a geração de 68, e que disse certa vez: “Correndo o risco de parecer ridículo, deixem-me dizer-lhes que o verdadeiro revolucionário é guiado por grandes sentimentos de amor.” O amor que Lula aponta está agenciado com a experiência da geração de 68 e o seu devir-revolucionário. Nesse mesmo contexto, os Novos Baianos diziam, em 1971: “[...] eu sou o amor da cabeça aos pés”.

O caminho que André Luiz propõe é uma linha de fuga para furar o círculo vicioso da repetição do mesmo e do controle da experiência da loucura. O sentido do amor é aqui também a relação de cuidado estabelecida entre pares. Os amigos que viajavam nos anos 60-70 e que se reencontram no hospício para transformar suas vidas

a partir da arte.

### **Considerações finais**

Nosso trabalho aqui nesse artigo enuncia algumas linhas, mesmo que provisórias, para evidenciar a sintonia entre o campo contracultural e a movimentação das lutas antimanicomiais e antiproibicionistas no país. Entendemos que essas lutas provêm de um elemento contracultural (*underground*) que posteriormente ganha um campo de visibilidade nas instituições. No Brasil, a luta antimanicomial percorreu um caminho que vai de uma crítica radical e subterrânea dos manicômios enquanto instituição da violência até a criação de políticas de saúde mental e a experimentação de outros modos de cuidado. O contexto atual, no entanto, é de resistências diante dos retrocessos que ocorrem na política de saúde mental no país.

A luta antiproibicionista emerge na atualidade como um movimento social pujante, que funciona incorporando pautas políticas com experimentações estéticas e tem conseguido questionar o modelo dominante de guerra às drogas. Existe entre essas lutas uma afinidade contracultural/experimental que pode promover conexões com as novas formas de pensar a clínica e a política em aliança com os movimentos sociais que discutem a loucura, as drogas e as subjetividades contemporâneas.

### **Referências**

AGUIAR, Adriano. *Psiquiatria no Divã: entre as Ciências da Vida e a Medicalização da Existência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

AMARANTE, Paulo. *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

\_\_\_\_\_(org.). *Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica*. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2008.

BASAGLIA, Franco *et al.*. *A instituição negada: relato de um hospital psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BUENO, André. *Pássaro de fogo no terceiro mundo: o poeta Torquato Neto e sua época*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

COIMBRA, Cecília. *Guardiães da Ordem - uma viagem pelas práticas psi no Brasil do 'milagre'*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Site o Estrangeiro. [www.oestrangeiro.net](http://www.oestrangeiro.net). 1994

\_\_\_\_\_. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: \_\_\_\_\_. *Conversações*. São Paulo, Ed. 34, 2006, pp.219-226.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* Vol. 1. São Paulo. Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Anti-Édipo*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELGADO, Pedro Gabriel. Os determinantes de 1968 para as políticas públicas de saúde mental. In: SILVA FILHO, João. *1968 e a saúde mental*. Rio de Janeiro: Editora Ipub, 2008.

FIGLIARO, Maurício. *Uso de "drogas": controvérsias médicas e debate público*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. O Anti-Édipo: uma introdução à vida não-fascista. *Cadernos de subjetividade*. São Paulo. Vol. 1, n.1, 1996, pp.107-200.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. Entrevista sobre *O anti-Édipo (com Félix Guattari)* In: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2006. pp.23-36.

GUEDES, Carla *et al.* A subjetividade como anomalia : contribuições epistemológicas para a crítica do modelo biomédico. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11 (4): Instituto de Medicina Social (IMS-UERJ), 2006. pp. 1093-1103.

HOLLANDA, Heloisa. *Impressões de Viagem: CPC, vanguardas e desbunde: 1960/70*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HOBBSBAWN, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde. Nêmesis da Medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LAGO, Gilberto. *Tropicália: Artífice de um novo local da cultura: contribuição ao estudo da identidade cultural da contemporaneidade*. Tese de doutorado. 246f. 2003. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003.

MACIEL, Luis Carlos. *Underground*. In: AUGUSTO, Sérgio e JAGUAR. *O melhor do Pasquim*. Rio de Janeiro: Editora Desiderata, 2006.

\_\_\_\_\_. *Underground*, In: *O Pasquim*. Rio de Janeiro, nº 139, p.12-13, 1970.

OITICICA, Hélio. O Herói anti-herói e o Herói-anônimo. Correspondência. Documento

0131/68. Textos sobre arte. Programa H.O. Rio de Janeiro, 1968.

OLIVEIRA, André Luiz. *Louco por cinema: arte é pouco para um coração ardente*. Brasília. Fundação Cultural do DF, 1997.

PARNET, Claire. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Site o Estrangeiro. Disponível em: [www.oestrangeiro.net](http://www.oestrangeiro.net). 1994.

PASSOS, Eduardo. Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo. *EntreLinhas*. Porto Alegre: Conselho Regional de Psicologia CRP-07, 2000, pp.08-09.

PITTA, Ana. 1968: sociabilidades, sexualidades, comunidades. Casais e companheiros a caminho do imprevisível. In: SILVA FILHO, João. *1968 e a saúde mental*. Rio de Janeiro: Editora Ipub, 2008.

RISÉRIO, Antonio. Duas ou três coisas sobre contracultura no Brasil In: *Os anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminaras: Itaú Cultural, 2005.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. UFRG. Porto Alegre: Sulina. 2007.

ROZSAK, Theodore. *A contracultura – reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Editora Vozes, 1972

SALOMÃO, Waly. *Me segura qu'eu vou dar um troço*. Rio de Janeiro, Ed. Biblioteca Nacional/Aeroplano, 2003.

\_\_\_\_\_. *Armarinho de miudezas*. Ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

\_\_\_\_\_. Câmara de Ecos. In: *Algaravias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SIBERTIN-BLANC, Guillaume. L'Anti-Oedipe dans la conjoncture post-68: à qui se destinait la shizo-analyse? pp. 47-60 In: *Gilles Deleuze e Félix Guattari. Une rencontre dans l'après Mai 68*. Paris: L'Harmattan, 2009, pp.47-60.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

Rafael Mendonça Dias  
Professor da Universidade Federal Fluminense (Instituto de Ciências Humanas e  
Sociais – ICHS – Departamento de Psicologia de Volta Redonda)  
E-mail: [rafaeldias@if.uff.br](mailto:rafaeldias@if.uff.br)

<sup>1</sup> Sobre o nome da revista, Waly Salomão revela: “título que pesquei da *Stultifera Navis* que Michel Foucault escrutinou na História da Loucura na Época clássica, mas o dito pacote ficou fotolitado e encalhou na areia movediça do começo dos anos 70.” (SALOMÃO, 2007).

<sup>2</sup> Segundo Bueno (2005, p.203), “Torquato Neto foi internado oito vezes, em sanatórios de São Paulo, Rio de Janeiro e Teresina. Foi perdendo o pé aos poucos, misturando alcoolismo, drogas e depressão diante do cotidiano que considerava insuportável dentro e fora dos sanatórios, com muitos dias de solidão e medo pelas ruas da cidade.”

<sup>3</sup> O poeta piauiense foi posteriormente homenageado e reconhecido em sua terra natal. Seu nome batiza um campus da Universidade Federal do Piauí.

<sup>4</sup> Diversos esquadrões da morte formados por policiais ganharam notoriedade nesse período, entre os quais podemos destacar a Escuderie *Le Cocq*. O símbolo da caveira desse grupo de extermínio parece ter sido a inspiração da escolha do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) e o seu símbolo macabro da morte da faca na caveira.

<sup>5</sup> Os que optaram pela luta armada eram tachados pelo discurso oficial de subversivos e terroristas.

<sup>6</sup> Revista on line Zingu. Disponível em: <http://www.revistazingu.blogspot.com.br/2009/07/dalo-entrevista-parte4.html> . Acesso em 26 abril 2013.

<sup>7</sup> A Université de Vincennes era onde Deleuze dava seus cursos.

<sup>8</sup> Como o próprio nome indica, os conceitos e as questões colocadas por Claire Parnet ao filósofo eram apresentadas em ordem alfabética. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <http://www.oestrageiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>. Acesso em: 21 março de 2013.

<sup>9</sup> Paulo Amarante (1996) usa essa história como tema para o seu livro *O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria*.

<sup>10</sup> Deleuze toma emprestado de William Burroughs essa noção de controle, como ele mesmo diz: “Controle é o nome que Burroughs propõe para designar o novo mostro, a que Foucault reconhece como o nosso futuro próximo.” (DELEUZE, 2006:220).